

**Anderson Bogéa**

Universidade Estadual do Paraná

## Arte como ação: a performance nos anos 1960 e 1970 como alternativa à desmaterialização da arte

Partindo da ideia de que escritos de artistas desempenharam papel fundamental na recepção das obras, corroborando performativamente seu status artístico sobretudo nos anos 1960 e 1970, o trabalho visa a perceber como essa produção de significado, tão cara ao status da produção artística, foi também alimentada por recursos não textuais, como na performance. Para tal, contamos com a classificação da arte conceitual que Peter Osborne elabora a partir de quatro linhagens de negação. Respectivamente, a autonomia da obra de arte, a especificidade do meio, a visualidade e a objetividade material. Cada qual gerando, assim, um procedimento conceitual baseado em um aspecto específico (ou forma de apresentação), ou em mais de uma linhagem, como ocorre em alguns casos. No caso da negação da objetividade material, foi produzido um conceitualismo associado à história da performance na dança e na música que parece se conectar com as ideias presentes no artigo *The Dematerialization of Art*, que Lucy Lippard e John Chandler publicaram nas páginas da *Art International*, em 1968. Nele, é levantada a hipótese de que os anos 1960 foram marcados por uma encruzilhada nas artes visuais, entre uma arte como ideia e uma arte como ação. Desse modo, os autores caracterizaram o período como marcado por uma arte que colocava como centro o processo de pensamento e desfocava a materialidade ou objetividade do objeto artístico, e o lugar a ser alcançado tanto por uma via como por outra seria o da desmaterialização. Assim, o objetivo do trabalho é perceber como o corpo, pela performance, ocupou a seara aberta pela desmaterialização da arte. Uma arte conceitual que explorou o conceito por trás da obra de arte por um viés sensível, e não necessariamente analítico ou formal.

---